

CRÍTICA FILME | MARIA DE MARIA

POR RODRIGO FONSECA



Nanda Costa roga a Deus e

manda bala

Desde que sua diretora, Ilda Santiago, homenageou Sergio Leone (1929-1989) com uma mostra completa, láááááááá em 2004, o Festival do Rio abriu suas portas para o faroeste e acolheu os bons exemplares do gênero que lhe foram oferecidos, mas não teve eco no cinema brasileiro nessa busca, dada a quantidade microscópica de expressões nacionais do gênero. Entretanto, a *Première Brasil* deste ano viu um western digno de prêmio. “*Maria de Maria*” é seu nome.

Luiza Shelling Tubaldini, a realizadora da fita, entendeu as lições que aprendeu vendo um banguê-banguê atrás do outro no perímetro paulista onde cresceu, sobretudo em uma sessão às terças-feiras. Shelling fez jus a uma máxima que o titã espanhol Pedro Almodóvar disparou ao levar a Cannes o curta-metragem “*Estranha Forma de Vida*”,

em 2023: “Os melhores faroestes do mundo hoje são feitos por mulheres”.

Um ano depois de “*Love Kills*”, um longa de vampiros, Luiza Shelling Tubaldini dialoga com o quadrinista Danilo Beyruth (“*Bando de Dois*”). Os enquadramentos da diretora, sobretudo nos closes, lembram os “quadros” das revistinhas da Sergio Bonelli Editore, como *Tex Willer* e o *Ken Parker* de Ivo Milazzo e Giancarlo Berardi – faroestes territoriais, nos quais a Natureza é coprotagonista.

Mais do que o traço quadrinístico, Luiza Shelling Tubaldini avança, sem travas, por códigos pop de outras artes, não apenas pelo próprio cinemão de gênero, mas também pelo épico televisivo, no qual se conversou um bocado com os tropos do faroeste. “*Maria de Maria*” tem suas imperfeições, mas é uma expressão



Nanda Costa vive com brilho a ex-cangaceira que sonha refazer a vida no Centro-Oeste

estética genuína. E tem uma Nanda Costa com sangue no olho.

Sua trama e sua narrativa pa-
peiam frontalmente com “*Os Homens Querem Paz*” (1991), telefilme em forma de especial de TV, baseado num roteiro de 1957 do pa-
raibano Péricles Leal (1930-1999). O enredo de Shelling, escrito por ela com Pablo Padilla (sob engramas de Beyruth), bebe da mesma sede. Nele, vamos ao Brasil de 1940, onde Ma-

ria (Nanda, atordoante a cada cena), uma jovem cangaceira, descobre-se grávida e, após o extermínio de seu bando, foge para o Centro-Oeste para dar à luz e recomeçar sua trajetória neste mundaréu. Aos poucos, contudo, a figura de um coronel de cabresto, encarnado por um Antonio Grassi com pinta de Tommy Lee Jones, ameaça trazer o pior do pretérito imperfeito de Maria.

Vemos, ao longo de uma hora e meia, uma estrutura fordiana de western de desbravamento, à luz de vetores românticos movidos a falas sagazes. A ação... essa diva tão esperada... demora a chegar. Quando chega, é pra ficar na memória, sobretudo pela artesanaria dos enquadramentos de Solitrenick e pela destreza de Nanda, que parece a Cat Ballou de Jane Fonda, em “*Dívida de Sangue*” (1965).

Sem vergonha alguma de estilizar o que vemos, Luiza Shelling Tubaldini fez a gente acreditar no desejo de ter um faroeste nacional. A montagem de Danilo Lemos e Larissa Armstrong é plenamente integrada ao projeto artístico da diretora e coerente com as gramáticas do faroeste dos anos 1940 e 1950, num dinamismo exemplar.

PARABÉNS AOS PREMIADOS.
MAS QUEM VENCEU MESMO
FOI O AUDIOVISUAL NACIONAL.

NASCEU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, DO CORREIO DA MANHÃ: UMA
ESTATUETA, UM JÚRI DE JORNALISTAS E UM OLHAR DEDICADO AOS FILMES
QUE LEVAM A PLURALIDADE DE UM PAÍS QUE É MUITOS BRASIS. CONHEÇA
OS VENCEDORES:

